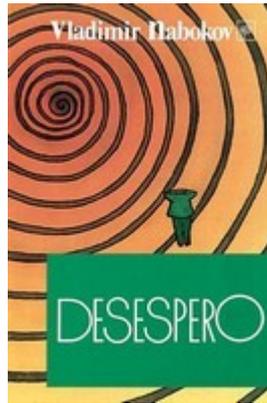


VLADIMIR NABOKOV



DESESPERO

Tradução:

PINHEIRO DE LEMOS

Título Original norte-americano: DESPAIR

À Vera

PREFÁCIO

O texto russo de *Desespero* (*Otchayanie* — que é uma voz muito mais sonora) foi escrito em 1932 em Berlim. A revista de emigrados de Paris, *Sovremennye Zapiski*, publicou-o em série em 1934 e a casa editora de emigrados Petropolis, de Berlim, editou o livro em 1936. Como aconteceu com todas as minhas outras obras, *Orchayanie* (a despeito da conjectura de Hermann) é proibida no protótipo do estado policial.

Em fins de 1936, quando eu ainda vivia em Berlim, onde outra abominação tinha começado a estrondar pelo megafone, traduzi *Otchayanie* para um editor de Londres.

Embora eu tivesse escrito em inglês durante toda a minha vida literária, à margem por assim dizer dos meus escritos russos, era essa a minha primeira tentativa séria (sem contar um lamentável poema publicado numa revista da Universidade de Cambridge por volta de 1920) de usar o inglês com o que se poderia chamar mais ou menos de finalidade artística. O resultado me pareceu estilisticamente canhestro e por isso pedi a um inglês um tanto rabugento, cujos serviços consegui por intermédio de uma agência de Berlim, que lesse o material, O homem encontrou alguns solecismos no primeiro capítulo, mas depois se negou a prosseguir, sob a alegação de que não aprovava o livro. Suspeito de que ele julgava que podia tratar-se de uma confissão autêntica.

Em 1937, a firma John Long Limited, de Londres, publicou *Desespero* numa edição conveniente com um *catalogue raisonné* de suas publicações na contracapa. Apesar desse prêmio, o livro se vendeu mal e, poucos anos depois, uma bomba alemã destruiu todo o estoque. O único exemplar existente é, tanto quanto sei, o que eu possuo, embora possa haver ainda dois ou três entre os livros esquecidos nas estantes das pensões à beira-mar de Bournemouth a Tweedmouth.

Para a presente edição, não me limitei a reajustar a minha tradução de trinta anos antes: efetuei uma revisão do próprio texto de *Otchyanie*. Os estudiosos afortunados que podem comparar os três textos devem notar ainda o acréscimo de uma passagem importante que fora imbecilmente omitida em tempos mais tímidos. É isso justo e acertado de um ponto de vista intelectual? Imagino sem esforço o que Puchkine poderia ter dito aos seus trêmulos parafraseadores. Mas sei também como ficaria satisfeito e entusiasmado em 1935 se me fosse dado ler antecipadamente esta versão de 1965. O amor estático de um jovem escritor, pelo escritor velho que ele algum dia será, é ambição na sua forma mais louvável. Esse amor não é retribuído pelo homem mais velho na sua biblioteca ampliada, pois ainda que lembre com saudade um céu da boca limpo e olhos sem lágrimas, não pode ter senão um impaciente encolher de ombros para o aprendiz confuso de sua mocidade.

Desespero, como o resto de meus livros, não tem comentário social a fazer, nem traz qualquer mensagem nos dentes. Não eleva o órgão espiritual do homem, nem mostra à humanidade a solução correta. Contém muito menos “idéias”, do que esses ricos romances vulgares que são aclamados com tanto açodamento no breve corredor cheio de ecos entre a propaganda e o apupo. O objeto de forma atraente ou o sonho de uma costeleta vienense que um freudiano ansioso pode julgar que distingue entre os meus detritos remotos mostrará a um exame mais detido que foi uma irrisória miragem organizada pelos meus agentes. Devo acrescentar preventivamente que os peritos em “escolas” literárias devem desistir desta vez de aludir à “influência dos impressionistas alemães”. Não sei alemão e nunca li os impressionistas, sejam eles quem forem. Ao contrário, conheço francês e ficarei muito interessado se alguém chamar o meu Hermann “o pai do existencialismo”.

O livro tem muito menos tendência russo-branca do que meus outros romances de emigração (1). Por isso, será menos confuso e irritante para os leitores que se criaram dentro da propaganda esquerdista da década de 30. Os leitores comuns, ao contrário, ficarão satisfeitos com a sua estrutura simples e o seu enredo agradável, que, entretanto, não é tão vulgar quanto presume o autor da rude carta que se encontra no Capítulo Onze. Há muitos diálogos interessantes através do livro e a cena final com Felix nos bosques sob o inverno é sem dúvida muito divertida.

Não posso prever e bloquear as tentativas inevitáveis de encontrar nos alambiques de *Desespero* um pouco do veneno retórico que injetei no tom do narrador num romance muito posterior. Hermann e Humbert só se parecem no sentido em que dois dragões pintados pelo mesmo artista em períodos diferentes de sua vida se assemelham. Ambos são patifes neuróticos, mas há um caminho verde no Paraíso onde Humbert tem licença para passear uma vez por ano ao escurecer; entretanto, o Inferno jamais concederá livramento condicional a Hermann.

O verso e os fragmentos de versos que Hermann murmura no Capítulo Quatro pertencem a um breve poema que Puchkine fez para sua mulher na década de 1830. Reproduzo-o integralmente aqui (em inglês), numa tradução em que conservo a medida e o ritmo, coisa que é raramente aconselhável — talvez mesmo admissível — salvo quando há uma conjunção muito favorável de estrelas no firmamento do poema, como acontece aqui.

“‘Tis time, my dear, ‘tis time. The heart demands repose.

Day after day flits by, and with each hour there goes

A little bit of life; but meanwhile you and I

Together plan to dwell ... yet lo! ‘tis then we die.

There is no bliss on earth: there’s peace and freedom, though.

An enviable lot I long have yearned to know:

Long have I, weary slave, been contemplating flight

To a remote abode of work and pure delight” (2).

A “remota mansão” para onde se abala finalmente o alucinado Hermann é situada economicamente no Roussillon, onde, três anos antes, eu havia começado a escrever o meu romance do jogo de xadrez, *A Defesa*. Ali deixamos Hermann no auge ridículo da sua frustração. Não me lembro mais qual foi o fim dele. Não sei nem ‘se chegou o filme que pretendia dirigir.

Montreux,
1/3/1965

VLADIMIR NABOKOV

(1) Isso não impediu que um crítico comunista (1.. P. Sartre), que dedicou em 1939 um artigo notavelmente tolo à tradução francesa de **Desespero**, dissesse que “tanto o autor quanto o personagem principal são vítimas da guerra e da emigração”.

(2) É tempo, querida, é tempo. **O** coração reclama repouso. / Os dias passam e a cada hora se vai / Um pouquinho da vida; mas enquanto tu e eu / Planejamos viver juntos... ai de nós! é então que morremos. / Não há felicidade na terra: há, porém, paz e liberdade. / Um destino invejável por que há muito anseio: / Escravo exausto, penso há muito em fugir / Para remota mansão de trabalho e puro prazer.

1

Se eu não tivesse certeza absoluta de meu poder de escrever e da minha maravilhosa capacidade de exprimir idéias com o máximo de graça e de brilho... Era mais ou menos assim que eu tinha pensado em começar a minha história. Em seguida, chamaria a atenção do leitor para o fato de que, se eu carecesse desse poder, dessa capacidade, etc., não só me absteria de descrever certos fatos recentes, mas também nada haveria para descrever por isso que, gentil leitor, não teria absolutamente acontecido coisa alguma. Talvez tudo isso seja absurdo, mas ao menos é claro. Só o dom de penetrar os mecanismos da vida e uma inclinação inata ao exercício constante da faculdade de criação poderiam permitir-me... Nessa altura, eu deveria ter comparado o delinqüente que faz tamanha cena em face de um pouco de sangue derramado com um poeta ou um ator de teatro. Mas como

costumava dizer meu pobre amigo canhoto, a especulação filosófica é uma invenção dos ricos. Fora com ela.

Pode parecer que eu não sei como começar. É um espetáculo divertido o do velho que se locomove pesadamente, a balançar a papada, numa brava corrida atrás do último ônibus, ao qual acaba alcançando mas que tem medo de pegar em movimento e assim, com um sorriso encabulado, deixa-se ficar para trás, ainda correndo. Será que me falta coragem de dar o salto? O ônibus, o possante **montibus** de minha história, ronca, adquire velocidade e acabará desaparecendo irrevogavelmente ao dobrar da esquina. A imagem é um tanto desajeitada. Ainda estou correndo.

Meu pai era um alemão de língua russa de Reval, onde freqüentou uma famosa escola agrícola. Minha mãe, russa pura, era de uma velha família de príncipes. Nos dias quentes de verão, languidamente vestida de seda lilás, reclinava-se em sua cadeira de balanço e se abanava com um leque a comer chocolate, numa sala com todas as cortinas descidas que algum vento de um campo recém-ceifado fazia enfunar como velas roxas.

Durante a guerra, fui internado como súdito alemão... Pura falta de sorte, se levarmos em conta que eu tinha acabado de ingressar na Universidade de S. Petersburgo. Do fim de 1914 a meados de 1919, li exatamente mil e dezoito livros... tomava nota de todos eles. De volta à Alemanha, passei três neses encajado em Moscou e me casei ali. Desde 1928, estava morando em Berlim. A 9 de maio de 1930, tendo mais de trinta e cinco anos... Uma breve digressão: o trecho em que me refiro a minha mãe é uma deliberada mentira. Na realidade, ela era uma mulher do povo, simples e rude, que se vestia sordidamente com uma espécie de blusa que descia fofamente da cintura. É claro que eu poderia ter cortado esse parágrafo, mas deixei-o de propósito aqui para servir de amostra de um de meus traços essenciais: meu jeito fácil e inspirado de mentir.

Como eu ia dizendo, a 9 de maio de 1930 fiz uma viagem de negócios a Praga. Meu ramo era chocolate. Chocolate é uma coisa boa. Há moças que só gostam do

tipo amargo... são umas pequenas exigentes e pretensiosas. (Não sei bem por que é que estou escrevendo desse jeito.)

Tremem-me as mãos. Quero gritar ou esmagar alguma coisa com estrondo... Esse estado do espírito é extremamente inadequado para o desenvolvimento suave de uma história calma. Sinto comichões no coração, o que é uma sensação horrível. Tenho de permanecer calmo, não posso perder a cabeça. Não adianta prosseguir sem ser assim. Bem calmo. O chocolate, como todos sabem... (o leitor deve imaginar aqui uma descrição da fabricação do produto). Nossa marca registrada no invólucro mostrava uma mulher de lilás com um leque. Estávamos insistindo com uma firma estrangeira à beira da falência para que substituísse o seu processo de fabricação pelo nosso a fim de abastecer a Tcheco-Eslováquia e foi justamente isso que me levou a Píaga. Na manhã de 9 de maio, saí do meu hotel num táxi que me levou a... É muito cansativo contar tudo isso. Sinto-me mortalmente enervado. Contudo, por mais que eu deseje chegar quanto antes ao ponto crucial, algumas explicações preliminares parecem necessárias. Vamos logo então com elas. O escritório da firma era situado bem nos arredores da cidade e eu não encontrei lá o camarada com quem queria falar. Disseram-me que ele estaria de volta dentro de mais ou menos uma hora...

Acho que devo informar ao leitor que houve um longo intervalo. Agora, o sol teve tempo de descambar tocando de sangüínea em sua marcha as nuvens acima do pico dos Pireneus que se parece tanto com o Fujiyama. Eu estava sentado num estranho estado de exaustão, que ora me levava a escutar o esfuziar e o baque do vento, ora me fazia desenhar narizes na margem da folha de papel, ora me conduzia a um vago torpor e então voltar a mim sobressaltado e todo trêmulo. De novo então crescia em mim aquela sensação de prurido, a intolerável agitação... e minha vontade se estendia inerte num mundo vazio... Tinha de fazer um grande esforço para acender a luz e colocar uma pena nova na caneta. A velha se lascara e encurvara. Parecia agora o bico de uma ave de rapina. Não, essas coisas não eram as vascas da criação... mas algo bem diferente.

Bem, como já disse, o homem não estava e só voltaria dentro de uma hora. Não tendo nada melhor para fazer, saí a fim de dar uma volta. Era um dia firme, fresco, pontilhado de azul. O vento, parente afastado deste que sopra aqui, voava no seu caminho por entre as ruas estreitas. De vez em quando, uma nuvem empalmava o sol, que reaparecia como uma moeda de mágico. No jardim público, onde os inválidos andavam em veículos movidos a mão, havia uma explosão de moitas arfantes de lilases. Olhei para as tabuletas das lojas e peguei uma ou outra palavra que escondia um radical eslavo conhecido, mas desdobrado com um sentido desconhecido. Eu estava de luvas amarelas novas e balançava os braços ao andar sem destino. De repente, a fila de casas terminou e mostrou uma vasta extensão de terra que à prinieira vista me pareceu bucólica e atraente.

Depois de passar por um quartel à frente do qual um soldado estava exercitando um cavalo branco, comecei a pisar num chão macio e pegajoso. Dentes-de-leão tremiam ao vento e um sapato esburacado tomava banho de sol debaixo de uma cerca. Mais adiante, um morro, esplendidamente escarpado, subia para o céu. Resolvi escalá-lo. O seu esplendor se revelou uma decepção. Entre faias enfezadas e moitas de amieiros, um caminho em ziguezague no qual haviam talhado degraus ia para o alto sempre e sempre. Imaginei a princípio que, logo depois da curva seguinte, iria encontrar um lugar de beleza selvagem e maravilhosa, mas este nunca apareceu. Aquela vegetação descolorida não me podia contentar. As moitas se espalhavam pelo chão descalvado, poluído de ponta a ponta por pedaços de papel, panos e latas amassadas. Não era possível deixar os degraus do caminho porque este ficava muito no fundo da rampa e dos dois lados das suas paredes de terra projetavam-se raízes de árvores e pedaços de musgo apodrecido como molas quebradas de móveis decrepitos numa casa onde um louco morrera de maneira horrível. Quando cheguei afinal ao cimo, encontrei algumas cabanas desaprumadas, uma corda de roupa e nela algumas calças de mulher inchadas pela vida fictícia do vento.

Coloquei os cotovelos no parapeito de madeira nodosa e, olhando para baixo, vi muito distante, e levemente velada pela névoa, a cidade de Praga: telhados brilhantes, chaminés fumegantes, o quartel pelo qual eu havia passado, um diminuto cavalo branco.

Resolvendo descer por outro caminho, segui pela estrada que encontrei depois das cabanas. Só havia de belo na paisagem a cúpula de um gasômetro no alto de um morro. Redonda e avermelhada sobre o céu azul, parecia uma grande bola de futebol. Deixei a estrada e comecei a subir de novo, dessa vez por uma encosta de grama rala. Região triste e nua. Veio da estrada o barulho de um caminhão, depois uma carreta em direção contrária e, depois, horrivelmente pintado com as cores do arco-íris, o caminhão fechado de uma firma de envernizadores. No espectro daqueles camaradas, a faixa verde era vizinha da vermelha.

Fiquei por muito tempo na encosta a olhar a estrada. Virei-me por fim, continuei, encontrei um caminho meio apagado que passava entre duas corcovas de chão liso e, ao fim de algum tempo, procurei um lugar onde pudesse descansar. A alguma distância de mim, sob um espinheiro, um homem estava estendido de costas com um boné a cobrir-lhe o rosto. Eu já ia passar quando alguma coisa em sua atitude exerceu sobre mim estranha atração: a ênfase naquela imobilidade a inércia daquelas pernas estendidas, a rigidez daquele braço meio dobrado. Estava vestido com um casaco preto e surradas calças de veludo.

“Absurdo”, pensei. “Está simplesmente dormindo. Não tenho motivo algum para meter-me na vida dele.” Apesar disso, aproximei-me e, com a ponta do meu sapato elegante, afastei-lhe o boné do rosto.

Clarins, sim? Ou, ainda melhor, o rufar de tambores que acompanha a execução de um número acrobático sensacional. Incrível! Duvidei da realidade do que via, duvidei de meu equilíbrio mental, senti-me nauseado e com um princípio de vertigem... Para dizer a verdade, fui forçado a sentar-me, tanto os joelhos me tremiam.

Ora muito bem, se outro estivesse em meu lugar e visse o que eu vi, poderia talvez ter desatado em gargalhadas. Eu, porém, estava por demais atônito com o mistério que a coisa envolvia. Enquanto eu olhava, tudo dentro de mim pareceu desprender-se e cair de uma altura de dez andares. Eu estava contemplando uma maravilha. A sua perfeição e a sua falta de causa e objetivo enchiam-me de estranho temor respeitoso.

Nesta altura, agora que cheguei à parte importante e aplaquei o pior daquela comichão, presumo que seja conveniente deixar minha prosa em posição de descansar e tentar calmamente reconstituir o caminho que já percorrera, a fim de definir exatamente o meu estado de espírito e o rumo que tomavam os meus pensamentos, quando, não tendo encontrado o agente da firma no escritório, saí para dar um passeio, subi aquele morro e contemplei a rotundidade vermelha do gasômetro contra o fundo azul de um dia ventoso de maio. Vamos, seja lá como for, assentar esse ponto. Procurem então ver-me mais uma vez antes do encontro, com luvas vistosas, mas sem chapéu, ainda andando a esmo. Que tinha eu no espírito? Nada, absolutamente nada, por mais estranho que pareça. Estava inteiramente vazio e comparável, portanto, a algum vaso translúcido condenado a receber conteúdos ainda desconhecidos. Farrapos de pensamentos relativos ao negócio de que ia tratar, ao carro que tinha pouco antes comprado, a esta ou aquela particularidade da região circundante surgiam, por assim dizer, no exterior de meu espírito e se alguma coisa tinha ressonância em meu vasto deserto interior era simplesmente a vaga sensação de uma força que me impelia.

Um letão brilhante com quem eu me dava em 1919 em Moscou disse-me uma vez que as nuvens de melancolia que de vez em quando e sem qualquer motivo caíam sobre mim eram um indício infalível de que eu iria acabar meus dias num asilo de loucos. O homem estava exagerando sem dúvida. No ano anterior, eu havia testado profundamente as notáveis qualidades de clareza e coerência evidenciadas pela carpintaria lógica em que se comprazia meu espírito fortemente desenvolvido mas perfeitamente normal. As extravagâncias da intuição, da visão artística, da

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

